

QUESTIONÁRIO LITERÁRIO



POR
MARÍLIA KODIC

É jornalista cultural
e ama livros



“A literatura contemporânea não se envergonha de mostrar sua face preta, indígena, LGBTQIAP+ e de doméstica”, diz a escritora gaúcha Eliane Marques

A ESCRITA DE ELIANE MARQUES pode ser descrita como uma tessitura que se faz da fricção do silêncio com o grito, na dança entre a ruína e a reconstrução. Exponente de uma nova tradição literária que impõe presença sem pedir licença, ela desafia a linguagem a dar conta do que a história tentou ocultar – e o faz com um domínio raro sobre os interstícios do tempo e da língua. Escritora, tradutora, psicanalista, mestre em direito, idealizadora do selo editorial Orizon Oro e coordenadora da Escola de Poesia Amefricana, ela venceu o Prêmio São Paulo 2024 com seu romance *Louças de Família* (Autêntica Contemporânea; 280 págs.; R\$ 69,80) e lança neste mês o livro de poesia *Sílex* (Círculo de Poemas; 72 págs.; R\$ 67,90) – uma obra densa, cortante e bela como a rocha que lhe dá o nome.

A literatura serve mais para entender o mundo ou escapar dele? Depende. A literatura branca e heteronormativa, por exemplo, nunca serviu de meio para se entender um mundo que não fosse o seu. Então, servia para falar de um mundo branco e escapar do perigo que outros mundos pretensamente lhe traziam, afirmando-os, em face disso, por certa negatividade.

Que aspecto da realidade ou acontecimento do noticiário recente mais te parece ficção? O racismo brasileiro e mundial acompanhado da ascensão de bilionários nazifascistas aos postos formais de poderes políticos ao mesmo tempo que se dá o aumento da pobreza em todo lugar.

Qual é a cara do romance contemporâneo? Francamente descarada e multifacetada. Descarada porque não se envergonha de mostrar sua face preta, indígena, LGBTQIAP+, sua cara de doméstica e das dinastias que as antecederam, todas constituintes da sepultura ancestral sobre a qual o Brasil foi erguido e ainda se sustenta. Multifacetada porque toma de

empréstimo uma pluralidade de linguagens, as interpreta, investe de novos significados e devolve na forma de romance.

Escolha um autor clássico e um contemporâneo para criticar seu trabalho. Gostaria que Luiz Gama criticasse meus poemas e Chimamanda Ngozi Adichie meu romance.

Cite um autor superestimado e um subestimado. Um autor branco tende a ser superestimado, independentemente de seu trabalho, porque a masculinidade branca, especialmente de classe média, já constitui um bem social em si; não precisa fazer nada de especial para ser incensado. Por outro lado, autoras negras geralmente são subestimadas, ou paira uma condescendência racista e nojenta sobre o trabalho literário delas – nossas criações ainda são reduzidas a um setor da biblioteca de sociologia, antropologia ou ciência política, mesmo por faltar uma crítica que deixe de dizer sempre os mesmos lugares-comuns sobre tais produções.

Em que universo literário viveria por

um ano? Entre os cronópios, as famas e as esperanças de Júlio Cortázar.

Que obra de arte gostaria que fosse um livro? A tinta acrílica sobre linho “Não ser eu, para ser aceita”, de Larissa de Souza.

Que leitura recomendaria ao presidente da República? *Imagens de Controle: Um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins*, de Winnie Bueno, e *Sílex*.

Sobre o que ainda gostaria de escrever? O que estou escrevendo agora. No Rio Grande do Sul, historicamente o romance tem se dedicado às miudezas da vida e aos grandes feitos do gaúcho a cavalo, mas pouco tem se escrito sobre as formas de existência da gaúcha descalça, cujos sapatos surgem tardiamente às costas e, do cavalo, nem o cheiro da crina sentiu; gente desnomeada, cuja sepultura serve de fundação a uma sociedade plural que ainda se acredita europeia.

O que está escrito no epílogo da sua vida? A vida foi um ramo de palmeira que os ventos inclinaram a seu gosto (provérbio fang, do Gabão).